

10° 32' 16" N
66° 50' 21" O

A coleção Capitais & Cafundós trabalha com expedições literárias. As rotas são constantemente recalculadas, não há centro. O mapa que temos a bordo nos foi dado por aves migratórias, para quem as fronteiras não existem.

Metrópoles, vilarejos esquecidos, florestas, desertos, sertões, campos ermos, mundos imaginários sólidos ou esfacelados: os destinos são obras cujo território extrapola o pano de fundo, participando como organismo vivo, tão complexo quanto seus personagens.

A tradição *flâneur* ressurge aqui com outros tempos; da América Latina e do Caribe, certamente, mas não só. Vasculharemos sem receio, talvez com alguma imprudência, curvas improváveis, dobras geológicas, nascentes ainda no subterrâneo – quem sabe uma história insuspeita não esteja ali?

Para quem gosta de horizontes largos, temos assento à janela. Aos que usufruem dos detalhes, reservamos lugares no corredor, onde a história se monta por fragmentos e conversas à meia-voz. De todo modo, não prometemos conforto.

No fim das contas, as fronteiras existem – tudo existe depois de ser criado –, mas suas linhas não inibem o movimento do desejo e da necessidade. Somos migrantes. Reescrevemos. Não nos acomodamos, pois, o mais importante: não sabemos quem somos. E no lugar de um espelho, nos interessa a vista, os voos erráticos que tentam escapar da força dos ventos dominantes.



Sim



patia

Rodrigo Blanco Calderón

Tradução de
Raquel Dommarco Pedrão

1ª edição
Editora Incompleta
São Paulo, outubro de 2024



SIMPATIA

Romance de Rodrigo Blanco Calderón

Traduzido por Raquel Dommarco Pedrão

Coordenação editorial: Laura Del Rey

Capa e projeto gráfico: Angela Mendes e Laura Del Rey

Mapa topográfico: Nasa [fevereiro de 1969, a partir de fotografias de uma cratera lunar]

Tratamento de imagens e diagramação: Angela Mendes

Assist. de design, ilustrações e design para redes sociais: Fernando Zanardo

Preparação de texto: Aline Caixeta e Laura Del Rey

Revisão: Ana Maria Barbosa

Assistência editorial: Fernanda Heitzman

Agradecimentos: Carla Piazzì, Gabriela Aguerre, Laura Palomares,

Ruth Simão Paulino, Wagner Gutierrez Barreira

Esta edição foi revisada conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990). Livro impresso no Brasil. Foi feito o depósito legal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

B641 Blanco Calderón, Rodrigo
Simpatia / Rodrigo Blanco Calderón. Tradução de Raquel Dommarco Pedrão. -
São Paulo: Incompleta; 2024. (Coleção Capitais & Cafundós)
240 p.

Título original: Simpatía.

ISBN 978-65-88104-29-3

1. Literatura Latino-americana. 2. Literatura Venezuelana. 3. Romance.
4. Literatura Contemporânea. 5. Crise Política e Social na Venezuela. 6. Diáspora
Venezuelana. 7. Animais de Estimação. 8. Cachorros. 9. Abandono de Animais.
10. Narrativa Familiar. II. Orfandade. 12. Abandono. 13. Venezuela. 14. Caracas.
15. Nicolás Maduro. I. Título. II. Série. III. Pedrão, Raquel Dommarco, Tradutora.

CDU 821.134.3(82)

CDD V860

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino - CRB-6/1154

©2021, Rodrigo Blanco Calderón.

Título original: *Simpatía*. Os direitos de tradução da obra foram acordados com a agência literária Carmen Balcells S.A.

©2024, Editora Incompleta. Todos os direitos desta edição e tradução pertencem à Incompleta Produção e Imagens Ltda. e estão protegidos pela lei nº 9.610, de 19.2.1998. Não é permitida a reprodução total ou parcial da obra sem a anuência da editora. Para solicitações, por gentileza, entre em contato: editora@incompleta.com.br.

IN
COM
PLE
TA

*Para minha irmã Gabriela,
anjo dos cães abandonados*

Simpatía

Del lat. *sympathīa*, y este del gr. συμπάθεια *sympátheia* “comunidad de sentimientos”.

1. f. Inclinação afectiva entre personas, generalmente espontánea y mutua.
2. f. Inclinação afectiva hacia animales o cosas, y la que se supone en algunos animales.
3. f. Modo de ser y carácter de una persona que la hacen atractiva o agradable a las demás.
4. f. *Biol.* Relación de actividad fisiopatológica entre órganos sin conexión directa.
5. f. *Fís.* Relación entre dos cuerpos o sistemas por la que la acción de uno induce el mismo comportamiento en el otro.

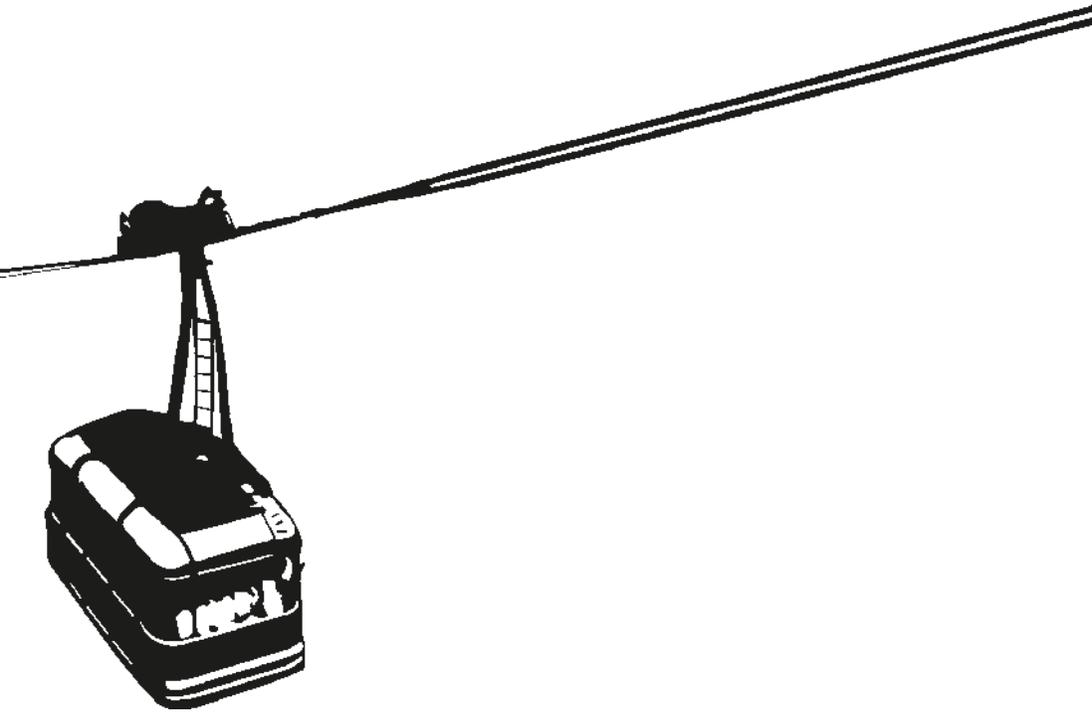
— *Diccionario de la lengua española*

*I would like, to begin with, to say that
though parents, husbands, children,
lovers and friends are all very well,
they are not dogs.*

ELIZABETH VON ARNIM

*Te sigue un perro grande,
el perro fiel y lento de nuestra lejanía.*

VICENTE GERBASI



I

No dia em que sua mulher foi embora do país, Ulises Kan decidiu arranjar um cachorro.

Vendo tudo a partir da perspectiva privilegiada, inclemente, que um casamento proporciona depois que termina, aquilo fazia sentido. Antes de se casar, ele avisou que não queria ter filhos. Paulina respondeu que era alérgica a cachorro.

Martín, seu sogro, na primeira conversa que travaram, pouco depois da lua de mel, revelou que a filha não era alérgica a cachorro, nem a pó, nem a nada.

– Talvez à alegria, como a mãe dela, que descanse em paz.

Disse isso e soltou uma gargalhada estrondosa. Ulises fez um esforço para rir também, mas o velho teve um ataque de tosse tão forte que pareceu que ia morrer.

– É claro que dá pra viver sem cachorro, mas não tem por quê – disse quando recuperou o fôlego.

Desde aquele dia, Ulises soube que seu casamento estava fadado ao fracasso. Agora, enquanto navegava na internet, procurando informações sobre abrigos de cães para adoção, percebeu que Martín tinha razão. Estava certo desde o início.

Seu sogro era um homem “bonito pra cacete”. Assim o descrevia em conversas imaginárias com amigos. Quando o último deles se mudou para Buenos Aires com a família, Ulises saiu do grupo de WhatsApp que compartilhavam.

É o jeito de partir dos que ficam, pensou.

A beleza do seu sogro lembrava a de Alain Delon. E Ulises tinha a impressão de que Martín não só era extremamente

parecido com o ator, mas que ainda por cima acentuava a semelhança em segredo. O fato de ter sido abandonado quando criança, o ódio que sentia dos filhos e das mulheres, a lembrança idílica do tempo de serviço no Exército, o cemitério de cachorros no jardim de casa, aquele vício na solidão que recrudescia à medida que o fim da vida se aproximava. Todos os traços emblemáticos e não tão conhecidos da vida de Alain Delon encontravam nele um eco.

Tinha feito essa conexão no dia em que assistiram juntos a um documentário na tevê, por ocasião do cinquentenário de *O leopardo*, de Luchino Visconti. Entrevistaram Delon no bairro de Palermo, onde ficava o palácio de Gangi, o mesmo onde foi filmada a famosa cena do baile.

– Nunca existiu tanta beleza junta: Alain Delon, Claudia Cardinale e Burt Lancaster – Martín disse, contando o elenco com os dedos, como se estivesse listando a escalação do Napoli de 1987.

Ulises pensou que na vida do sogro, em algum suntuoso salão do passado, devia existir uma Claudia Cardinale.

Quando lhe perguntou, Martín deu uma bufada.

– Que pergunta idiota, Ulises. Claro que tenho uma Claudia Cardinale. E eu sei que você também. Mas até um homem que não teve uma Claudia Cardinale pode ver a Claudia Cardinale – disse, apontando a tevê. – Entendeu?

Ulises assentiu, sem muita certeza de que tivesse realmente entendido.

Não sabia por que o sogro tinha parado de falar com os filhos. Paulina também não entendia muito bem e, no fundo, mesmo que afirmasse já ter superado, o rancor ainda a amargava. Ulises o havia procurado por pura insistência. Achava um absurdo não conhecer o próprio sogro. Paulina se esquivou do assunto até que não pôde mais e, certo dia, o levou a uma casa

nos limites do parque Los Chorros, ao fim de uma ladeira sem saída. Ulises só fora uma vez a esse parque do noroeste de Caracas, um dos mais antigos da cidade, famoso por suas cachoeiras e locais para banho. A família Khan tinha levado Ulises para fazer um piquenique e comemorar a gravidez da esposa. “Você vai ter um irmãozinho”, disseram, forçando um sorriso. Ele se lembrava do silêncio em meio ao qual transcorreu aquele passeio de sua infância, interrompido apenas pelo barulho da água caindo.

– De onde vem? – Ulises quis saber, apontando para uma cachoeira.

– A água? – perguntou o senhor Khan.

– Sim.

– Do monte Ávila. Lá de cima.

Ulises observou a enorme massa verde para a qual o dedo do senhor Khan estava apontando. Aquela cadeia montanhosa que protegia a cidade, de costas para ela como um gigante adormecido.

– Aqui não é o monte Ávila?

– Não, Ulises. Esse é o parque Los Chorros. O Ávila está lá atrás. Mas se você seguir pela corrente de água, vai chegar até a montanha.

Na primeira vez em que Ulises foi ver o sogro, Paulina parou o carro em frente a uma fachada de tijolinhos aparentes com um portão preto e avisou:

– Nem pense em tocar no assunto!

– Qual assunto?

– De por que não nos falamos e tal. Ele vai berrar com você e te botar pra fora. Bom, talvez faça isso de qualquer jeito.

Quando Paulina foi embora e o deixou sozinho diante da campainha, Ulises se sentiu como Chris O'Donnell prestes a entrar na edícula de Al Pacino em *Perfume de mulher*.

Diferentemente do personagem, o que mantinha Martín isolado não era a cegueira, mas um enfisema pulmonar.

– De grau quatro. Eu tô fodido – disse o sogro, dando as boas-vindas.

Martín se dedicava a ver filmes velhos e a ler. Suas únicas paixões de homem aposentado eram cuidar do jardim e levar os cachorros para passear. Todos os dias, o senhor Segovia, seu chofer e braço direito, o acompanhava para levar Michael, Sonny e Fredo para um passeio. Dois pastores-alemães e um vira-lata, que eram, segundo ele, “um espetáculo de se ver”. Levavam os cachorros de caminhonete até um parque próximo à avenida Cota Mil e ali os soltavam. Às vezes, Martín saía da caminhonete com eles, mas em outras preferia observá-los do assento, acompanhando as idas e voltas, os saltos, latidos, rosnavos, mordidas, como quem assiste a uma corrida em um hipódromo maluco. Martín sempre voltava contente, como se tivesse ganhado ou perdido uma aposta contra si mesmo.

Naquela primeira tarde, conversaram por umas seis horas. Quando Paulina passou para buscá-lo, não conseguia acreditar. Queria que contasse como seu pai estava, sobre o que falaram, tudo o que tinha acontecido.

Ulises tentou fazer um resumo, mas sem muita convicção. Só sabia que tinha sido uma tarde magnífica.

– Aliás, que bonito o seu pai é – disse Ulises. – Agora eu sei de onde você herdou esses olhos.

Ela suavizou a expressão e, por um instante, Ulises viu a pequena Paulina reaparecer das profundezas do próprio rosto, como se estivesse afogada, para voltar a submergir um segundo depois.

– Acho que é porque eu também sou órfão – Ulises disse, quase como uma desculpa.

– Vocês falaram sobre isso?

- Não.

- Os orfãozinhos se reconhecem, então?

Depois de pensar por uns segundos, Ulises respondeu:

- Sim. Acho que sim.

Passaram o resto do caminho em silêncio. Quando já estavam entrando no apartamento, Paulina disse:

- Desculpa.

- Tudo bem - Ulises respondeu.

- De verdade, obrigada por ir ver meu pai.

- Foi um prazer. Combinamos de eu voltar lá na semana que vem.

- Ok.

- Mas se te incomoda, eu não vou.

- Por que eu me incomodaria? Vai, sim.

E foi desse jeito que Ulises Kan se tornou amigo do seu sogro, um homem tão bonito que parecia Alain Delon.